

IMAGENS E IDENTIDADES EM DIÁLOGO: REFLEXOS DA “IMAGEM-AÇÃO”

Carmem Silvia Moretzsohn Rocha¹

Introdução

Enquanto no contexto da Antropologia do século XIX os grupos pesquisados não tinham acesso às etnografias produzidas a partir de seus universos culturais, hoje não é raro o fato. Em decorrência, pesquisas antropológicas passaram a ser mais divulgadas e, inclusive, escrutinadas pelos grupos que as embasaram. Muitas vezes, no contexto atual, pesquisadores e pesquisados compartilham o mesmo *locus* cultural. Todos esses elementos são, ainda, amplificados pelas novas tecnologias digitais e virtuais. Dessa forma, pode-se observar a presença de intensa reflexividade que trouxe profundas mudanças para a Antropologia contemporânea.

Sobre a relação entre pesquisador e nativo no campo da Antropologia reflexiva, pode-se afirmar que esse último é considerado, ao mesmo tempo, objeto e sujeito da produção acadêmica. Percebe-se, no decurso das transformações pelas quais passou a disciplina, o legado da Antropologia simbólica como crucial: de fato, declinou a verdade científica unilateral e definitiva. Como corolário, a Antropologia hodierna destaca o papel da relação entre pesquisador e pesquisado. Nessa esteira, foi elaborada por Jean Rouch a expressão “Antropologia compartilhada”. Essa perspectiva contraria a visão clássica da relação sujeito-pesquisador e objeto-nativo, pois passa a conceber ambos como sujeitos e autores. Observa-se, igualmente, que, ao invés de buscar a objetividade, o foco atual está na intersubjetividade entre os atores sociais.

Na emblemática obra *Writing Culture* (1986), Clifford e Marcus ressaltaram o fato de escritores ocidentais já não poderem retratar outros povos com a mesma autoridade. Segundo eles, o processo de representação cultural é contingente, histórico, e contestável. Por meio de ensaios reunidos nessa obra, os autores apresentam como demanda pós-moderna a necessidade de “repensar o poético e o político da invenção cultural”².

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul.

² *Writing Culture* argues that ethnography is in the midst of a political and epistemological crisis: Western writers no longer portray non-Western peoples with unchallenged authority; the process of cultural representation is now inescapably contingent, historical, and contestable. The essays in this volume help us imagine a fully dialectical ethnography acting powerfully in the postmodern world system. *They*

Este artigo pretende construir uma narrativa a partir de alguns fatos vivenciados durante a etnografia realizada pela autora, mantendo o foco nas imagens como elemento mediador fundamental. A partir de aspectos cruciais da Antropologia contemporânea, também conhecida como pós-moderna ou reflexiva, busca-se ressaltar a importância do universo imagético para a experiência etnográfica.

Como aspecto em jogo que subjaz a prática etnográfica, pode ser citada a perspectiva geertziana (Geertz, 1989) de que o universo cultural, a biografia e a identidade do pesquisador constituem importantes dados etnográficos. Ademais, Clifford (1998) chamou atenção, igualmente, para o aspecto político inerente à relação entre pesquisador e pesquisado ao questionar a “autoridade etnográfica”. Conseqüentemente, a nova ética exige considerar a busca pela simetria dessa relação e, portanto, o nativo como sujeito e interlocutor ativo no decorrer do processo. O presente texto privilegiará a primeira pessoa em sua construção, já que a experiência etnográfica encontra-se no cerne desta narrativa.

Do casulo ao encontro



Foto 1: Pesquisadora

Testando a luz para fotografar em período noturno a Tenda Nossa Senhora da Guia no *réveillon* à beira do Rio Paraguai. Corumbá, 30/12/11.³

Fonte: A autora, 2013.

A subjetividade, história de vida, idade, sexo, fenótipo, estilo de vida do pesquisador e mesmo os acasos são elementos ativos no processo de pesquisa etnográfica. Antes mesmo da chegada ao campo, esses aspectos são fundamentais, pois é a partir deles que o pesquisador se insere no trabalho de campo. Cotidianamente,

challenge all writers in the humanities and social sciences to rethink the poetics and politics of cultural invention (Clifford & Marcus, 1986: orelha do livro).

³A imagem foi captada de frente para um grande espelho, em minha residência. Fujifilm FinePix HS20EXR

gestos, olhares, presenças, ausências, palavras, pedidos, presentes, vão alicerçando, por meio de aproximações e distanciamentos que ocorrem a cada momento, as relações entre o sujeito-pesquisador e o sujeito-pesquisado. Nesse sentido, Silva (2006) chama a atenção para um aspecto interessante:

Costumamos pensar na observação participante basicamente como uma técnica ou um procedimento realizado pelo antropólogo para conhecer a comunidade que estuda. Entretanto, não é apenas ele que procura familiarizar-se com o universo cultural do grupo no qual se insere. O grupo também mobiliza seu sistema de classificação para tornar aquele que inicialmente era um “estrangeiro” em uma “pessoa de dentro”, isto é, um sujeito socialmente reconhecido (Silva, 2006: 88).

Consideramos que a presença do pesquisador compõe e, de alguma forma, altera, o ambiente no qual se insere. Observa e é observado. Ocupa espaços, interage, estimula ou inibe as expressões de outros a sua volta. Acreditamos que as relações que se estabelecem no campo são um elemento primordial da pesquisa. É preciso atenção e cuidado na construção desse elemento, pois é a partir dele que se abre um leque de possibilidades ou, em caso de insucesso, a impossibilidade de dar continuidade a todo o processo de pesquisa.

Antes de ir a campo, decidi comprar uma câmera fotográfica semiprofissional. O objetivo era tirar algumas fotos a fim de inseri-las na tese. Além disso, tinha a intenção de criar um acervo para possíveis desdobramentos do trabalho e complementar o diário de campo de modo a servir de subsídio para o período da dissertação. Apesar de o objeto escolhido para investigação ter sido as sonoridades no contexto da Umbanda, o campo das imagens ganhou espaço no decurso do trabalho. Adquiri uma câmera⁴ e, ao mesmo tempo em que aprendia a manuseá-la, iniciava os primeiros passos de minha observação participante na Tenda Nossa Senhora da Guia, principal grupo estudado. A Tenda Nossa Senhora da Guia é um terreiro de Umbanda situada no município de Corumbá, Mato Grosso do Sul⁵.

⁵ Para conhecer mais profundamente sobre a Tenda Nossa Senhora da Guia e a etnografia realizada ver Rocha, Carmem Silvia Moretzsohn, 2012; 2013.



Foto 2: Frente da Tenda Nossa Senhora da Guia
Corumbá, 15/09/11.
Fonte: A autora, 2013.

No fundo da Tenda Nossa Senhora da Guia, situa-se o altar repleto de imagens e fotografias, revelando apreço do pai de santo por esse universo imagético. À direita, uma ala formada, principalmente, por imagens de barro representando diversos Pretos Velhos e Pretas Velhas com suas velas, rústicas vestimentas, garrafas de cachaça e chapéus de palha. À esquerda, a ala dos Caboclos, índios com suas flechas, em destaque, Caboclo do Sol e Caboclo Girassol. Ao centro e no alto, reina a imagem de Oxalá, orixá maior, conhecido como Jesus Cristo nas religiões cristãs. Várias fotos e imagens de santos ou de pessoas que pediram orações e, ainda, uma foto do Padre Marcelo Rossi integram o altar.

A parede, à direita, está completamente coberta por chapéus de palha, em homenagem aos Pretos Velhos. A parede do lado oposto tem uma prateleira com imagens relacionadas à Ibejada, o conjunto das entidades infantis, entre eles, a conhecida dupla Cosme e Damião, Chiquinho e Joãozinho. Por todo o terreiro existem quadros nas paredes cujos principais personagens são as entidades ou integrantes da

família vivos ou falecidos. O teto sempre é decorado com panos cujas cores mudam de acordo com a ocasião e, ainda, bandeirinhas ou balões. Nas festas, os atabaques também são cobertos com panos com as cores do orixá regente da data. Em frente ao altar, há um belo trono de madeira ocupado pelo pai de santo durante os trabalhos, lembrando os reis negros africanos. Estética, religião, negritude, ancestralidade são importantes elementos cultivados pela Tenda Nossa Senhora da Guia. A riqueza na composição do espaço é consonante com a perspectiva rouchiana do “excesso estético-visual como um valor na construção do ritual” (Gonçalves, 2009: 33).

Identidades em perspectiva



Foto 3: Mulheres Negras⁶
Corumbá, 04/02/12.
Fonte: A autora, 2013.

Os líderes da Tenda Nossa Senhora da Guia integram a Associação da Comunidade da Família Maria Theodora Gonçalves de Paula, reconhecida como comunidade quilombola. Pode-se observar a valorização do universo imagético pela Tenda por meio da diversidade de objetos presentes no local, além de várias fotos e

⁶ No cartaz, símbolo da família quilombola Associação da Comunidade da Família Maria Theodora Gonçalves de Paula, encontram-se as imagens de Maria Theodora, Mãe Cacilda, Maria Paula e Dona Mariana. Essas mulheres são importantes ícones da família, cuja ascendência remete à religiosidade de matriz africana. Ao lado, Ednir de Paulo, presidenta do Instituto da Mulher Negra do Pantanal (IMNEGRA) e responsável pelo resgate histórico dos quilombolas em Corumbá e outros municípios de Mato Grosso do Sul. A foto foi tirada no dia da entrega do Certificado da Fundação Palmares conferindo à família o status de Quilombo.

quadros expostos em suas paredes. São homenagens às múltiplas entidades e aos integrantes da família. Esse terreiro extrapola em muito o pequeno espaço onde ocorre a maioria de seus rituais. É uma importante instituição situada no coração do Pantanal sul-mato-grossense, cujas raízes ajudaram a construir uma referência histórica no município de Corumbá. O marco histórico inicial remonta à década de vinte do século passado. Além do cartaz da ACTHEO, com Maria Theodora, Mãe Cacilda, Maria Paula e Dona Mariana, há outras fotos dessas personagens em outras circunstâncias. Por exemplo, Mãe Cacilda incorporada do Preto Velho com o qual trabalhava ou Dona Mariana abraçada a Joãozinho, pai de santo da casa, sobrinho de Mãe Cacilda.

Sobre a função mediadora das fotografias, afirma Conord:

Voltar ao campo para dar as fotografias impressas em papel introduz um processo de interação particular dando início a uma relação de reciprocidade. Uma ligação de confiança se estabelece e a fotografia, simultaneamente dom de si e contra-dom do pesquisador, pode às vezes se transformar, através da intervenção ativa das pessoas fotografadas, em objeto de valorização e de pretexto para o negócio (Conord, 2013: 20).

As fotos com as quais presenteei a Tenda, em agradecimento à carinhosa acolhida pelo grupo, também foram compondo o repertório de imagens da Tenda, causando-me imensa satisfação. Na maioria das vezes, os encontros em que as fotografias eram ofertadas aos sujeitos-pesquisados resultavam em motivos de alegria. Dessa forma, ampliavam as possibilidades do processo de pesquisa. Cultivou-se uma atmosfera de respeito mútuo em que o *locus* pesquisado estava sob a tutela da liderança espiritual, portanto, situado no topo da hierarquia em relação a todos os presentes, inclusive, da pesquisadora.

Ao mesmo tempo, era ofertado um espaço privilegiado durante os rituais, pois a mim era permitido circular com a câmera e era, inclusive, orientada a fazê-lo sem constrangimentos. Com o passar do tempo, observei que foram providenciadas lâmpadas que tornaram o ambiente mais claro, facilitando e, às vezes, até dificultando o registro fotográfico e fílmico, tal era o excesso de luz!

Foi possível perceber que as imagens propiciaram um duplo reconhecimento dos lugares identitários. Por um lado, a Tenda Nossa Senhora da Guia orgulhava-se por ter sido escolhida como foco da tese de doutorado em curso. Ao contrário de outras cidades como Salvador, Rio de Janeiro ou Recife, Corumbá não apresenta tradição no que se refere à pesquisa no campo das religiões afro-brasileiras. Por outro, minha identidade

como antropóloga se constituía no decurso do trabalho de campo, juntamente à Tenda. Nesse sentido, é possível afirmar que ocorreu, igualmente, um empoderamento identitário recíproco. Ademais, o interesse compartilhado pelo universo visual representou importante papel nesse processo.

Fotografia, reflexividade e identidades

Em Grupo de Trabalho (GT) da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) em 1994 foi atribuída ao conceito “quilombos” a seguinte definição: “grupos que têm uma história coletiva iniciada no passado cuja existência permanece no presente”. Um aspecto muito importante constitui no fato de que mais do que um passado histórico, essas populações possuem uma memória coletiva compartilhada.

Percebe-se, dessa forma, que o tempo é transmutado em identidade por meio da memória coletiva e articulado ao espaço como terras necessárias. Os conceitos de memória coletiva e terras necessárias são poderosos instrumentos políticos no mundo contemporâneo. Embora o antropólogo não seja um ator político na acepção literal do termo, não há como desconsiderar o impacto político da Antropologia no contexto hodierno. Assim, a pesquisa antropológica pode contribuir de modo significativo para a valorização das chamadas comunidades tradicionais.

Como anteriormente mencionado, a Tenda Nossa Senhora da Guia é um terreiro de Umbanda e sua liderança integra o quilombo ACTHEO. O grupo tem consciência de seu valor histórico e antropológico, assim como da importância de seus rituais, símbolos e imagens. O dia vinte e nove de novembro é dedicado ao padroeiro da casa, Pai Benedito do Rosário. Nesse dia ocorre a realização de um ritual pela manhã que inicia às cinco horas. Os filhos e filhas de santo se reúnem e organizam o café da manhã desfrutado juntamente com as bênçãos de Pai Benedito, orações e pontos cantados.

Para esse dia foram convidados outros membros da família que não integram a Tenda. São parentes e afiliados da ACTHEO, geralmente católicos, pois os evangélicos não costumam entrar no terreiro. Uma integrante católica da família iniciou os trabalhos com orações e o pai de santo incorporou o padroeiro da casa. Em seguida, os presentes formaram uma fila a fim de receber bênçãos e felicitar o homenageado. Após a bênção dos alimentos, os presentes consumiram os alimentos que incluíam salada de frutas, sanduíches e biscoitos acompanhados de café e sucos.

No mesmo dia, no período noturno, houve a festa aberta a toda a comunidade. Antes do início, Joãozinho me pediu para tirar uma foto registrando todos os seus filhos e filhas de santo que costumam se reunir nessa festa. Ele sugeriu que a foto fosse tirada em frente ao altar. Durante o evento, consegui tirar uma foto utilizando o recurso da câmera que permite registrar a imagem em trezentos e sessenta graus do local onde a pessoa está localizada. No entanto, eu estava posicionada bem distante do altar. Como é possível verificar na imagem abaixo, não haveria espaço para reunir os filhos de santo no altar, que se encontra perto do pai de santo, vestido de azul, bem no fundo da imagem.



Foto 4: Filhos de santo na Festa de Pai Benedito
Corumbá, 29/11/11.
Fonte: A autora, 2013.



Foto 5: Início dos trabalhos na Festa do Pai Benedito
Corumbá, 29/11/11.
Fonte: A autora, 2013.



Foto 6: Fila para bênçãos no café da manhã
Corumbá, 29/11/11.
Fonte: A autora, 2013.



Foto 7: Pai Benedito abençoa os alimentos do café da manhã
Corumbá, 29/11/2011.
Fonte: A autora, 2013

É interessante perceber que algumas fotografias passaram a fazer parte do cenário do terreiro. Podemos considerar essas imagens como personagens, cada uma com sua história, que dialogam com outros elementos, atores, objetos materiais e imateriais da cosmologia do grupo. Providenciei a ampliação da foto dos filhos de santo reunidos que foi protegida por um vidro, emoldurada na cor lilás, e oferecida por mim a Joãozinho, que muito a apreciou. Ela passou a ocupar aproximadamente um metro de espaço e foi colocada por ele na parede da Tenda. É possível identifica-la pendurada atrás da imagem de Ogum, também conhecido como São Jorge, em cima de seu cavalo, na foto abaixo, tirada em sua Festa no dia 23 de abril de 2012.



Foto 8: Festa de Ogum na Tenda Nossa Senhora da Guia
Corumbá, 23/04/12.
Fonte: A autora, 2013.

À esquerda, há outra fotografia tirada por mim durante os trabalhos. Em determinado momento, de forma inesperada, Exu Capa Preta, guardião da casa, estende sua caneca de cerveja em minha direção e me oferece um gole. Antes de aceitar, registrei esse momento e ofereci ao pai de santo a imagem impressa. Essa foto também passou a integrar o rol das fotografias expostas no terreiro.



Foto 9: Exu Capa Preta oferece cerveja à pesquisadora
Corumbá, 04/11/11.
Fonte: A autora, 2013.



Foto 10: Metalinguagem
Corumbá, 23/04/12.
Fonte: A autora, 2013.

Na foto à direita, pode-se identificar Mãe Cacilda, anteriormente mencionada, que deixou seu legado religioso a Joãozinho. Ela foi uma famosa mãe de santo que recebia caravanas de ônibus lotados com brasileiros e estrangeiros. Segundo relatos de integrantes da família registrados na Ata de fundação da ACTHEO, atendeu personalidades, como Xuxa, Chacrinha e Roberto Carlos, que chegou com seu iate Lady Laura, em busca de curas.

Finale

Partindo de minha experiência etnográfica com a Tenda Nossa Senhora da Guia, busquei revelar alguns eventos importantes no que tange ao campo das imagens ressaltando, em especial, seu caráter reflexivo. Para tanto, foi destacado o interesse recíproco pelo universo imagético e de que forma esse aspecto se manifestou no decorrer da pesquisa.

É interessante notar o papel crucial do universo imagético, seu poder mediador, simbólico, de registro histórico e empoderamento identitário recíproco. Busquei narrar um pouco da história da relação que foi estabelecida com o grupo, ressaltando o universo imagético. Percebe-se que, por meio das imagens, foi possível captar e registrar alguns dos importantes momentos vivenciados no decurso desta etnografia. Paulatinamente, as fotografias tiradas no decorrer da pesquisa foram se integrando a paisagem do terreiro e compondo seu panteão simbólico, ao lado de importantes personagens de sua ancestralidade.

Norteei minha prática etnográfica baseando-me nos princípios da Antropologia reflexiva. Dentre inúmeros elementos cruciais, posso citar: crítica da “autoridade etnográfica” (Clifford); caráter intersubjetivo da etnografia (Jean Rouch); aspecto mediador das fotografias (Gonçalves; Conord); biografia do etnógrafo como dado da pesquisa (Geertz; Silva) e a reflexão acerca do “poético e o político da invenção cultural” (Clifford e Marcus).

Referências

CLIFFORD, James & MARCUS, George. *Writing Culture*. University of California Press: London, England, 1986.

CLIFFORD, James. *Sobre a autoridade etnográfica*. In: A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

CONORD, Sylvaine. "A função mediadora da imagem fotográfica!" *Illuminuras*, Porto Alegre, v.14, n.32, p.11-29, jan./jun. 2013.

ECKERT, C. ; ROCHA, A. L. C. . *A interioridade da experiência temporal do antropólogo como condição da produção etnográfica*. *Revista de Antropologia* (São Paulo), São Paulo, v. 41, n.2, p. 107-135, 1998.

GEERTZ, Clifford: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.

GONÇALVES, Marco Antonio. *Encontros "encorporados" e conhecimento pelo corpo: filme e etnografia em Jean Rouch*. *Devires*, Belo Horizonte, V. 6, N. 2, P. 28-45, jul/dez 2009.

PEIXOTO, Clarice (Org). *Antropologia & Imagem: narrativas diversas*. Rio de Janeiro: Garamond/FAPERJ, 2012, p.127-144.

_____. (Org). *O jogo dos espelhos e das identidades: as observações comparada e compartilhada*. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 87-106, jul./set. 1995.

PINK, Sara. *Agendas interdisciplinares na pesquisa visual: reposicionando a antropologia visual*. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, v. 21, n.2, p. 61-85, 2005.

PINNEY, Christopher. *A história paralela da antropologia e da fotografia*. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, n. 2, p. 29-52, 1996.

ROCHA. Carmem Silvia Moretzsohn. *Apurando os sentidos: sonoridades, performance e imagens nos rituais de Umbanda em Corumbá*. Tese (Doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, 2013.

_____. *Sonoridades afro-brasileiras em Corumbá: um estudo sobre representações musicais em rituais de Umbanda*. *Illuminuras* (Porto Alegre). , v.13, p.118 - 143, 2012.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *A crítica antropológica pós-moderna e a construção textual da etnografia religiosa afro-brasileira*. *Cadernos de Campo*, São Paulo, ano 1, n.1, p.47-60, 1992.

_____. *Orixás da Metrópole*. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. *Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira*. 2. ed. São Paulo: Selo Negro, 2005.

_____. *O Antropólogo e sua Magia*. São Paulo: EDUSP, 2006.